

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: Direitos Indígenas

Data: 6 de Outubro de 1981

Pg.: DINR 0027

O vestibular do índio

No País da seletividade, até os índios devem, agora, passar no vestibular da indianidade, para não perder direitos que lhes são assegurados pela Constituição e pelo Estatuto do Índio. Em entrevista a esta "Folha", publicada domingo último, as antropólogas Eunice Durhan e Lux Vidal denunciaram os "Indicadores de Integração" da Funai — um conjunto de normas incongruentes que tem a pretensão de estabelecer quem é e quem não é índio — como uma espécie de "samba do crioulo doido" da indianidade, absurdo nos seus termos genéricos: arbitrário, autoritário e racista em determinadas passagens.

Causa espanto, na entrevista das antropólogas, a informação de que a comunidade científica tem seu nome citado em vão. Os cientistas são apresentados como co-autores do documento oficial da Fundação Nacional do Índio, sem terem sido consultados. A Associação Brasileira de Antropologia, entidade que reúne as maiores autoridades brasileiras neste campo do saber, garante que seus membros não foram ouvidos na confecção dos "Indicadores de Indianidade". Corre entre os círculos científicos, ao contrário, a notícia de que a coordenadora do grupo de trabalho que elencou os "Indicadores", sra. Neide Dal Poz Brito, não é pessoa habilitada no campo da Antropologia.

Ontem, ao tentar rebater a denúncia divulgada pela "Folha", alto funcionário do órgão do Ministério do Interior (pediu para não ser

São Paulo

nomeado) não apresentou prova em contrário, limitando-se apenas a informar que numa das etapas da elaboração dos "Indicadores de Integração", uma antropóloga, a sra. Diana Mota, foi consultada. Convinhamos que é pouco, para um organismo que tem por finalidade tutelar todos os índios espalhados pelos quatro cantos do Brasil. Da mesma forma, não convence a afirmativa do funcionário da Funai, de que os "Indicadores" constituem apenas a primeira parte de estudo global de seis etapas. Se a primeira é assim estapafúrdia, é de se imaginar o que virá a seguir.

Em toda a história é, no mínimo, estranha a ausência do presidente da Funai, coronel João Carlos Nobre da Veiga. Ele está deixando de aparecer a fim de defender o órgão que dirige, exatamente no momento em que este é submetido a tão duras críticas. Ausência que só faz alimentar boatos entreouvados no Distrito Federal sobre uma suposta próxima demissão.

No episódio dos "Indicadores de Integração", o organismo oficial, aparentemente, só tem razão ao afirmar — pela voz de anônimo funcionário — que os antropólogos não confiam na Funai. Afinal, sobram motivos para a desconfiança. P.D.P.